


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**GRUPO: UM CAMINHO PARA A AUTODETERMINAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Assistente Social, orientado pela professora Maria da Graça Santos Dias.

Aprovado Pelo DSS  
Em 10/07/97

ELIZABETH PAULO HERMES

  
**Marly Venzon Tristão**  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSC

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1997.

EU NÃO SOU VOCÊ  
VOCÊ NÃO É EU

Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas sei muito de mim  
Vivendo com você  
E você, sabe muito de você vivendo comigo?  
Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas encontrei comigo e me vi  
enquanto olhava pra você  
Na sua, minha, insegurança  
Na sua, minha, desconfiança  
Na sua, minha, competição  
Na sua, minha, birra infantil  
Na sua, minha, omissão  
Na sua, minha, firmeza  
Na sua, minha, impaciência  
Na sua, minha, prepotência  
Na sua, minha fragilidade doce  
Na sua, minha, mudez aterrorizada  
E você se encontrou e se viu, enquanto  
olhava pra mim?  
Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas foi vivendo minha solidão  
que conversei com você  
E você conversou comigo na sua solidão  
ou fugiu dela, de mim e de você?  
Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas sou mais eu, quando consigo  
lhe ver, porque você me reflete  
No que eu ainda sou  
No que já sou e  
No que quero vir a ser...  
Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas somos um grupo, enquanto  
somos capazes de, diferenciadamente,  
eu ser eu, vivendo com você e  
Você ser você, vivendo comigo.

(Madalena Freire)

Dedico este trabalho a meus pais,  
Naime e João, que a partir de uma  
relação familiar, portanto grupal, me  
ensinaram, no mínimo, a ser Gente.

## **AGRADECIMENTOS**

- A Deus, pela força interior que impulsiona minha vida.
- A meus pais, Naime e João, pelo amor, carinho, compreensão e estímulos dados em minha vida.
- A minhas irmãs, Maria Tereza e Myrian, que constantemente mostraram-se preocupadas na efetivação deste trabalho.
- Ao Cesar, que compartilhou comigo, sempre com carinho, este importante momento da minha vida.
- Ao SESC, pela oportunidade da realização de meu estágio.
- A amiga e supervisora, Kátia Rangel, pela contribuição em meu crescimento pessoal e profissional.
- A professora, Maria da Graça Santos Dias pela orientação na elaboração deste trabalho.
- A amiga, Kelly, pelo companheirismo, amizade e carinho que se consolidou durante todo o curso.
- A todas as participantes do Clube de Mães, pela aprendizagem e amizade construída em nossa caminhada.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO EM GRUPO .....</b>	<b>7</b>
1.1 - Grupo: da Visão Funcionalista à Visão Dialética .....	7
1.2 -Participação em Grupos: Um Caminho para a Conquista da Autodeterminação .....	19
<b>CAPÍTULO 2 - GRUPO: UM INSTRUMENTO DE OPERACIONALIZAÇÃO DA PRÁTICA DE SERVIÇO SOCIAL NO SESC .....</b>	<b>26</b>
2.1.- SESC - Considerações Gerais .....	26
2.2 - Serviço Social no SESC : Sua História e Ênfase na Abordagem Grupal .....	36
2.3 -A Prática do Serviço Social no “Clube de Mães Beija-Flor” .....	39
2.4 -Pesquisa - Um Retorno Reflexivo Sobre a Prática .....	51
2.5 - Avaliação Compreensiva e Interpretativa da Pesquisa .....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>71</b>

## INTRODUÇÃO

A elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso, “GRUPO: UM CAMINHO PARA A AUTODETERMINAÇÃO”, resulta de uma experiência desenvolvida, no período de março/96 à julho/97, no SESC-Serviço Social do Comércio, mais especificamente, no Centro de Atividades do Estreito, onde realizamos um trabalho, enquanto estagiária do Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao “Clube de Mães Beija-Flor”.

O tema por nós abordado, foi concebido, por meio do paradigma da transformação social, articulada a partir da participação de sujeitos em grupos sociais, numa relação dialética da totalidade-singularidade.

Com este trabalho, sinalizaremos a importância da inserção e da participação dos indivíduos em grupos organizados socialmente, na perspectiva de conquistar, através do processo de conscientização, a autodeterminação, capacitando-os à construção de novos caminhos para a vivência de uma melhor qualidade de vida.

Para tanto, apresentaremos no primeiro capítulo, a concepção do Serviço Social numa abordagem grupal, explicitando a sua evolução no contexto histórico. Esse capítulo será desdobrado para que seja evidenciado um recorte teórico que aborde o trabalho com grupos, numa visão dialética, a qual aponta a possibilidade do indivíduo tornar-se um sujeito capaz de autodeterminar-se, por

meio de uma reflexão crítica e criativa, com a perspectiva de alcançar a transformação pessoal e social.

No segundo capítulo, enfocaremos algumas considerações a respeito do SESC, Entidade que nos proporcionou a realização e o desenvolvimento do estágio curricular, assim como, abordaremos a trajetória histórica do Serviço Social nessa Entidade, recorrendo ao grupo como o instrumento principal de operacionalização de suas atividades.

Situaremos a prática desenvolvida junto ao “Clube de Mães Beija-Flor” e, em seguida, enfocaremos a pesquisa desenvolvida, entendendo o seu resultado como um retorno reflexivo do exercício prático vivenciado.

Além disso, apresentaremos uma análise de caráter compreensivo e interpretativo, a fim de complementar teórica e tecnicamente o trabalho desenvolvido.

Finalizando o trabalho, desenvolveremos as considerações finais e as sugestões relacionadas ao tema proposto.

# **CAPÍTULO 1**

## **A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO EM GRUPO**

### **1.1- Grupo: da Visão Funcionalista à Visão Dialética**

*“Quase nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado. O sujeito da ação é um grupo, um “Nós”, mesmo se a estrutura atual da sociedade, pelo fenômeno da reificação, tende a encobrir esse “Nós” e a transformá-lo numa soma de várias individualidades distintas e fechadas umas às outras”.(Lucien Goldman, apud, Lane, 1980 p.10)*

A sociedade é uma rede complexa de grupos, dos quais os indivíduos são membros participantes.

Grupo é concebido por Lewin, como “uma realidade suigeneris, irredutível aos indivíduos que o compõe e também irredutível aos seus objetivos ou a suas características.”(Lewin, apud, Rodrigues, 1981, p.39)

O homem, sujeito de sua história, não é uma unidade isolada, mas sim um ser ativo vinculado ao seu meio.

A introdução do homem na sociedade dá-se pela socialização através de grupos, inicialmente primário e, posteriormente, secundário.

A socialização primária, em nossa sociedade, ocorre inicialmente na família. A socialização secundária decorre das próprias relações com o mundo, tais como: escolas, instituições, empresas, religião, entre outros.



A socialização é uma tendência natural do homem, já que muito pouca coisa pode realizar sozinho. Ele, habitualmente, procura satisfazer suas necessidades afetivas na adesão a um grupo e nas relações que aí se estabelecem.

*...O grupo é, portanto, um fenômeno social inevitável, através do qual as pessoas se autoconscientizam dos problemas, necessidades, potenciais e recursos, seus e do meio social no qual se encontram. E que atuem neste meio, mobilizando suas capacidades e aptidões nas consecuições de objetivos comuns, internos ou externos ao grupo.*

*Um grupo pode ser definido como um conjunto de pessoas que se interrelacionam e se comunicam de forma direta, se influenciam mutuamente, frequentemente se reúnem em torno de objetivos comuns e de interesses próprios. Representam portanto, mais que a soma de seus participantes". (Martins, Silva, 1981, p.54)*

Historicamente, os trabalhos realizados pelo Serviço Social com grupos surgiram no Brasil a partir de 1945. Naquela época os métodos utilizados pelo Serviço Social eram denominados de "Serviço Social de Caso", "Serviço Social de Grupo" e "Serviço Social de Comunidade" sendo, estes, os métodos de intervenção utilizados pelos profissionais da área.

O Serviço Social de Grupo surgiu como um movimento, produto de experiências recreativas e de educação social, realizadas em agências e centros comunitários, para atender aos problemas sociais surgidos como consequência da expansão industrial capitalista.

"O trabalho de grupo, desde sua origem, foi um movimento utilizado para atender aos sintomas ou às disfunções provocadas por uma estrutura social em mudança. A recreação, sobretudo a tendência a ocupar o tempo livre da classe

operária que surgiu com a sociedade industrial, bem como os movimentos de juventude com o objetivo de prevenir a delinquência juvenil, são indicadores de que o Serviço Social de Grupo surgiu com a função de contribuir para a manutenção da continuidade estrutural, cujo equilíbrio estava ameaçado pelos problemas sociais ou disfunções surgidas. Esta função era atingida mediante os serviços preventivos, recreativos e de educação cívica, e implicitamente contribuíram para estabelecer a relação entre a parte (a população carente) e o todo, o sistema maior ou a sociedade à qual pertenciam.” (Cerqueira, 1981, p.53)

Segundo Cerqueira (1981), o Serviço Social de Grupo pretendia atender aos efeitos e não explicar esses efeitos, a partir das disfunções existentes entre a parte e o todo, sua preocupação consistia em adaptar o homem ao meio em que vive.

O Serviço Social de Grupo objetivava o desenvolvimento do indivíduo através dos grupos. O método visava a participação dos seus membros com dificuldades de socialização, desajustes psicossociais. Era utilizado numa perspectiva educacional, na medida em que procurava fortalecer a personalidade individual, através da ênfase dada à capacidade de liderança, à tomada de decisão e o aspecto psicossocial. Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que o grupo, como um processo educativo, leva os indivíduos a se auto-desenvolverem e se ajustarem a normas e valores morais vigentes no contexto social. Este contexto induzia os indivíduos a procurarem atingir objetivos socialmente desejáveis.

Segundo Paré (1961), “Serviço Social de Grupo é um processo educativo pelo qual o Assistente Social ajuda o indivíduo a estabelecer, no seio de um grupo restrito, relações satisfatórias que o farão crescer ou progredir do ponto de vista emocional e intelectual, e o tornarão assim capaz de cumprir eficientemente as suas funções sociais na comunidade e nas outras coletividades às quais pertence.”

Os objetivos, citados pela autora, em relação ao trabalho com grupos, são o desenvolvimento pessoal, a adaptação social do indivíduo ao seu meio e a utilização do processo educativo, para a procura coletiva de fins sociais elevados e desejáveis.

Conforme Paré, o Assistente Social representa um “amigo para o grupo”, que ajuda os membros a desenvolverem-se num plano individual e social.

No início, o Serviço Social era visto como a arte de adaptar o homem à sociedade e a sociedade ao homem.

Os grupos em Serviço Social eram considerados como um conjunto de pessoas em interação, por intermédio dos quais se buscava “harmonizar os interesses”, chegar ao consenso, à compreensão, a objetivos comuns previstos e aceitos pelo sistema. Estes objetivos eram avaliados segundo princípios eternos e valores imutáveis, como a dignidade do homem e o bem-estar ideal. (Vasconcelos, 1985, p.22)

O Serviço Social de Grupo procurava atingir, através da atividade de grupo, uma relação de pessoa para pessoa, onde o Assistente Social ajudava o

cliente a ver melhor os seus problemas e as causas dos mesmos e a estabelecer laços mais harmoniosos com o seu ambiente.

O trabalho do Serviço Social, numa abordagem grupal, era utilizada pelos Assistentes Sociais para intervir na realidade. O profissional colocava-se a serviço da pessoa humana, seja ajudando a encontrar e a resolver dificuldades, que estavam lhe trazendo conflitos internos, seja facilitando o seu relacionamento, através da própria experiência de relação entre o cliente e o profissional.

Entre vários conceitos que encontramos, sobre o Serviço Social de Grupo, destacamos também o da autora Gertrude Wilson. Para essa autora, "Serviço Social de Grupo é um método, pelo qual o assistente social de grupo se utiliza de conhecimento e compreensão dos membros, ao mesmo tempo que atua sobre o processo social decorrente da situação das pessoas e do grupo." (1961, p.84)

Para Gertrude Wilson, os grupos constituem o meio pelo qual os indivíduos alcançam satisfação pessoal e social; as normas individuais e sociais são modificadas; o controle social é mantido; a sociedade evolui em seus costumes, normas e valores. Os grupos são organizados para atender necessidades individuais e sociais dos homens.

O Assistente Social de grupo, para a autora, auxilia os membros a se realizarem, a tomarem consciência de seus problemas e encontrarem uma solução

para estes.

A contribuição mais importante que o grupo dá ao indivíduo, segundo Wilson, depende da realização do grupo e o significado da realização do indivíduo depende da realização do grupo como um todo.

De acordo com Balbina Ottoni Vieira (1967, p.128) "Grupo é a reunião de duas ou mais pessoas que se conhecem, tem consciência de suas relações mútuas e se unem para satisfazer interesse ou necessidade comuns".

Para ela, o "Serviço Social de Grupo constitui um processo de Serviço Social que visa, por meio do grupo e de suas atividades, ajudar o indivíduo a resolver problemas pessoais de relacionamento, de funcionamento correto na sociedade e desenvolver sua personalidade, a fim de se tornar um membro útil à comunidade onde vive." (Vieira, 1978, p.165)

O trabalho de Serviço Social com Grupos, segundo Vieira (1978), tem como objetivos :

- <sup>família</sup> Ajudar o indivíduo a resolver problemas pessoais, pois o indivíduo precisa de uma experiência de socialização; resolver problemas de relacionamento ou de adaptação, ensinando o indivíduo a viver em sociedade, ajustá-los às exigências da vida moderna, através de experiências planejadas, de modo a levá-lo a participar das atividades do grupo, e, assim, obter satisfação pessoal como membro de um grupo;

22/10/2010

- Ajudar o grupo, como um todo, a atingir seus objetivos e desenvolver nesta experiência sua consciência social, cooperando com a organização que o abriga e com outros grupos na comunidade;

- Descobrir e treinar líderes e educar os membros do grupo para assumir responsabilidades cívicas e sociais na comunidade, a fim de auxiliar o indivíduo a funcionar corretamente na sociedade e a viver nela de modo satisfatório, desenvolvendo harmonicamente suas capacidades para a sua satisfação pessoal, do grupo e da comunidade.

Outra autora muito utilizada desde o início do trabalho com grupos na perspectiva do Serviço Social é Gisela Konopka. A autora considera “o Serviço Social de Grupo, como um método de Trabalho Social que ajuda as pessoas a realizarem seu funcionamento na sociedade através de experiências grupais objetivas e a enfrentarem de modo mais eficaz os seus problemas pessoais, grupais ou comunitários.” (Konopka, 1968, p.34) Para Konopka, a dinâmica do processo grupal é determinada pela espécie e qualidade da interação que se processa entre os membros. Esclarece que a prática do trabalho com grupos no Serviço Social, quando visa à melhoria do funcionamento pessoal e social pode ser chamada de terapia de grupo, sem que esta prática do assistente social seja a mesma do psiquiatra.

Konopka, quanto à intervenção, explica que “o método abrange a utilização consciente dos relacionamentos assistente social-membros e entre os membros e atividades de grupo. O assistente social usa, simultaneamente, os

relacionamentos com os membros individuais e com o grupo como um todo. Trabalha como um motivador com ambos, ajudando os membros e o grupo a empregarem sua capacidade e seu potencial. Utiliza a si mesmo de maneira diferente, de acordo com os objetivos específicos e sua avaliação das necessidades, interesses e capacidade dos membros”. (Konopka, 1968, p. 99)

Arlete Braga define o Serviço Social de Grupo como sendo “um processo dinamizador de relações em que os desejos e as necessidades dos membros mobilizam aptidões e capacidades de todos, a serviço do grupo, com experiências individuais que contribuem para o aperfeiçoamento de cada um”. (Braga, 1971, p.25)

O grupo é um conjunto de indivíduos que interatuam em uma situação determinada com um objetivo por eles fixado. (Kisnerman, 1977, p.101)

Segundo Kisnerman (1980, p.55) “O grupo é o recurso operacional dinâmico que o Serviço Social utiliza para o conhecimento e a ação, já que permite a investigação de sua própria problemática e a do contexto no qual está inserido, e a intervenção planejada como sujeito enquanto complexo de indivíduos em interação com um determinado objetivo”.

De acordo com Kisnerman (1978, p.15), “O Serviço Social tem como objetivo a elevação do homem e dos grupos, levando-os de uma passividade receptiva e alienante a uma atitude crítica que lhes permita, mediante o diálogo, aprofundar e interpretar os seus problemas”.

O Serviço Social, sendo uma profissão que trabalha com os indivíduos e sua totalidade, tem como objetivo levar os membros participantes de um grupo, a se reconhecerem como sujeitos através de atividades que venham despertar uma reflexão crítica das condições em que vivem.

A partir disso, o profissional de Serviço Social tem como finalidade estimular os sujeitos participantes do grupo a realizarem suas potencialidades dentro dos objetivos propostos de acordo com seus desejos e necessidades.

O grupo é um processo de ensino-aprendizagem, em relação dialética com o seu meio. Por isso, Kisnerman (1980, p.59) afirma: “o Serviço Social deve criar uma dinâmica interna que coloque os membros de um grupo numa disposição ativa, crítica, e responsável, através de sua participação, em situação de abordar suas dificuldades e problemas com o objetivo de transformar uma dinâmica externa que os permita inter-relacionarem-se com outros grupos, em movimentos globais de mudanças.”

Kisnerman, no que se refere ao trabalho com grupos, aponta como objetivos a participação e o desenvolvimento social do indivíduo, que levam ao crescimento da esfera pessoal e grupal. Esta mudança pessoal, para o autor, é entendida como uma mudança de papéis que levam, consequentemente, a uma mudança da personalidade.

Para finalizar, Kisnerman conceitua o “Serviço Social, como um método de educação psico-social, informal, através do qual se ensina a massa a



viver em democracia e cria um sentimento de comunidade; a ter uma atitude ativa para participar". (Kisnerman, apud Correia, 75, p.18)

Dentre os autores citados, alguns deles apresentam suas classificações sobre grupo. Para Konopka (1968) os grupos classificam-se em:

- Grupos Orientados para o Crescimento: que servem ao desenvolvimento da pessoa, objetivando melhor funcionamento social, conformando-se em um grupo de ordem terapêutica.

- Grupos Orientados para a Ação Social: que se destinam a oportunizar e instrumentalizar a participação dos cidadãos na solução de problemas sociais.

Edith Motta, (1971) também propõe uma categorização relativa aos tipos de grupo. Para ela, a tipologia se desdobra em:

- Grupo de Desenvolvimento Social: Nestes grupos, os indivíduos são conduzidos à maturidade social. Os resultados alcançados são medidos através da capacidade de relacionamento social dos membros, de satisfação social e promoção individual.

- Grupos de Soluções de Problemas de Relacionamento Social: Estes grupos são dirigidos a pessoas portadoras de problemas pessoais na área de relacionamento social. Os resultados do trabalho com os indivíduos participantes deste tipo de grupo, são medidos de acordo com as soluções dos seus problemas, sendo que, as pessoas são ajudadas a vencer os bloqueios apresentados.

- Grupos de Ação Social: Este tipo de grupo impulsiona os integrantes a

participarem e a contribuírem nas soluções de problemas da comunidade.

O Assistente Social tem um papel de orientador, ao compreender as necessidades de um grupo e dos indivíduos que o integram, a fim de que estes atinjam a satisfação destas necessidades. O profissional deve interessar-se pelo grupo como um todo, partindo do conhecimento do indivíduo.

\* Analisando as definições de Simone Paré, Gertrude Wilson, Balbina Ottoni Vieira e Arlete Braga, percebemos que estas autoras estão voltadas mais ao desenvolvimento de ordem pessoal, através do processo educativo de capacitação individual para intervir na sociedade.

Gisela konapka apresenta objetivos voltados à formação do indivíduo, numa linha de integração, desenvolvimento e mudança social. Além disto, a autora enfoca o indivíduo como sujeito da história, com capacidade de proporcionar mudanças, onde os valores são vistos em sua totalidade.

Entre os autores citados, percebemos que em suas teorias sobre Serviço Social de Grupo, os pressupostos funcionalistas são os que exercem maior influência, visto que, o surgimento desta prática ocorreu num dado momento histórico nascido no seio do capitalismo, como resultado de uma concepção ideológica conservadora da sociedade e de estratégias de controle das classes dominadas pelas classes dominantes.

A teoria funcionalista busca a integração do homem ao meio e tem como base o equilíbrio das tensões, na unificação social de todos os papéis. Essa

concepção parte do pressuposto de que o sistema é bom e só há que corrigir suas disfunções mudando o homem ou seu meio imediato.

O Serviço Social de Grupo propunha-se a estabelecer entre os elementos de um grupo, relações positivas, funcionais, e de corrigir as disfunções contribuindo para a adaptação do homem à sociedade, na conquista de um funcionamento adequado da mesma.

Entre os autores, Kisnerman é o que trabalha com a concepção de transformação e não mais com a concepção funcionalista de adaptação. Para o autor, em uma sociedade democrática, o atributo essencial é a realização de todo potencial de cada indivíduo e a aplicação de sua responsabilidade social através da participação ativa na sociedade. Kisnerman vê o indivíduo como sujeito capaz de fazer uma reflexão crítica da realidade, na qual está inserido, a fim de realizar atividades transformadoras.

A vida em grupo é um instrumento fundamental para que o indivíduo atinja uma madura participação social. Este processo de amadurecimento social é caracterizado pelo processo de conscientização e reflexão crítica, enquanto sujeito histórico, comprometido com a transformação da sociedade.

O Serviço Social fundamentado na perspectiva de transformação, vê o homem como um ser inacabado, situado num contexto histórico, num constante vir a ser, capaz de ter uma percepção realista de sua situação e das estruturas e conjunturas sociais.

Entre as concepções destacadas, consideramos que a defendida por Kisnerman é a mais propícia para o trabalho com nossos usuários, visto que lhes proporciona uma visão de totalidade, capacitando-os a uma tomada de consciência crítica e reflexiva, levando-os a conquista da autonomia pessoal e grupal.

Partindo do pressuposto de que “toda a ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam” (Lane, 1980, p.79), o nosso objetivo neste trabalho é de refletir sobre a importância da participação dos indivíduos nos grupos, a fim de conquistar, através do processo de conscientização a autodeterminação, tema este, que abordaremos no próximo item.

## **1.2 - Participação em Grupo: Um Caminho para a Conquista da Autodeterminação.**

O Serviço Social, enquanto profissão, deve partir da realidade e da história concreta dos homens, conhecendo-os no conjunto de suas relações, isto é, na sua totalidade, pois é através da dialética totalidade-singularidade que a humanidade se constrói. Tem o dever de se preocupar com o sujeito, propondo a educação como forma de humanização, a fim de valorizar o homem, capacitando-o a participar deste mundo social do qual faz parte.

Trabalhar a valorização humana dentro do Serviço Social, requer do Assistente Social proporcionar aos indivíduos condições de fazerem uma leitura da realidade, capacitando-os à transformação, tornando-os sujeitos da história. O trabalho de Serviço Social deve ser um estímulo à criatividade, responsabilidade, aprimoramento, capacitação e valorização do homem, ao desenvolver sua sociabilidade, quando interage no contexto onde se encontra inserido.

O Assistente Social, tem o papel de ajudar a criar oportunidades para que os indivíduos interajam entre si, dando oportunidades para que a transformação do homem, do mundo e da sociedade reflita sobre a cultura e a ideologia dominante, na busca da liberdade.

Nesta perspectiva, o Serviço Social através de uma prática educativa, deve proporcionar condições para que o homem aja livre e conscientemente, exercendo sua capacidade crítica. Pela ação e reflexão, o indivíduo desenvolve sua capacidade de transformar o mundo, a partir da superação das situações existenciais em que está inserido.

O trabalho realizado com grupos dentro de uma perspectiva educativa, no qual os membros participantes são os educandos e educadores, desperta através do diálogo, maior nível de consciência social e consequentemente maior maturidade pessoal.

Através do diálogo, o indivíduo é reconhecido pela sua condição humana, em sua totalidade, como sujeito, o qual é racional e livre.

O diálogo só existe através de uma relação entre as pessoas que permitirá a dialetização crítica. É um processo gerador de transformação social.

Para Paulo Freire (1979), a conscientização é feita através do diálogo, onde os sujeitos dialogantes revelam mutuamente a realidade e refletem criticamente sobre ela, elaborando juntos o projeto de transformação, que enfatiza o homem como existência, capaz de ser mundo e pronunciar o mundo.

O diálogo é “o encontro de homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto na relação eu-tu”. (Freire, 1979, p.43) Deve ser realizado numa relação horizontal, em que nenhum dos sujeitos dialógicos sintam-se superiores ao outro.

A conscientização, feita pelo diálogo, torna possível a reflexão crítica dos homens sobre sua situacionalidade. Esta conscientização dá-se através de uma relação dialética entre homem e realidade, pois enquanto o homem procura desvelar a realidade para compreendê-la e analisá-la de maneira crítica, ele conscientiza-se e atua sobre ela. E a realidade transformada a partir dessa ação-reflexão, faz surgir novos perfis, que caracterizam a conscientização num processo inacabado. Esse processo torna os homens sujeitos, pois fazem e refazem o mundo. (Pavão, 1988, p.50)

Segundo Freire :

*“A conscientização é então[...] um ato de conhecimento. Implica desvelamento da realidade, com a qual vou me adentrando pouco a pouco na essência mesma dos fatos [...] como objetos cognoscíveis, para desvelar a razão de ser destes fatos.” (Freire, apud, Pavão, 1988, p.51)*

*O que é conscientização*

A conscientização para Paulo Freire (1979) implica num conhecimento objetivo e crítico da realidade e num compromisso pessoal com a transformação dessa realidade. A conscientização assim concebida torna-se fundamental para um processo de educação libertadora.

O exercício crítico é um aspecto fundamental da conscientização, e supõe a atividade contínua do pensamento e a participação concreta dos homens nos seus grupos e sociedade.

A conscientização e a participação podem ser compreendidas como elementos de um único movimento, que se efetiva na medida em que o homem se coloca como ser criador, que interfere no mundo e o transforma, através da ação.

Consideramos a conscientização e a participação como objetivos centrais a serem desenvolvidos nos grupos.

A valorização do homem ocorre através da participação. É na participação que ele desvela seu ser.

Para Bordenave (1978, p.16):

*"A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realidade, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo".*

A participação é efetiva quando os indivíduos conferem a seu trabalho o sentido de uma ação consciente, em prol de seu desenvolvimento, do grupo e da sociedade, na qual estão inseridos. A participação supõe espontaneidade,

exercício de liberdade e aprendizagem. Através dela é que ganha sentido o conceito de democracia.

Participar implica discussão de problemas, reflexão sobre eles, tomar consciência crítica e arbitrar sobre uma ação. (Kisnerman, 1977, p.223)

A transformação de pessoas passivas e conformistas em sujeitos ativos e críticos, é decorrente da participação, onde esta é uma habilidade que se aprende e se aperfeiçoa através da reflexão.

Na sociedade moderna, cada vez há menos espaço para as liberdades e escolhas individuais, pois existem pressões sofridas externamente, que tornam os indivíduos menos autônomos, e os fazem reprimir a necessidade de ser livre, levando-os até mesmo a uma perda de identidade.

O homem é, por excelência, um ser de relações. Está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência, nem se objetivaria a si mesmo. Mas, como pode objetivar-se, pode também distinguir-se entre um eu e um não-eu, tornando-se capaz de se relacionar. Para Freire:

*“Transcendência é o momento em que o homem tem consciência de sua finitude, do ser inacabado que é, ou seja, a capacidade da consciência humana de sobrepassar os limites da configuração objetiva e ter consciência do próprio limite” (Freire, apud, Pavão, 1988, p.44)*

Há diferentes formas de o homem se relacionar com o mundo. Estas formas podem ser ingênuas ou críticas, dependendo da visão e da postura desse homem diante desse mundo. A relação ingênua se dá quando não se questiona o



que e para que se faz. Já a postura indagadora, questionadora, problematizadora mostra um homem crítico em relação à realidade.

Com isto, a passagem da ingenuidade à crítica acontece através do processo de reflexão.

*“A reflexão é o desenvolver das potencialidades do homem diante do mundo, que questiona para conhecer e transformar. É ela que possibilita a conscientização, que será mais crítica quanto mais buscar o real concreto. Sendo uma consciência crítica, ela é ativa, emergindo da necessidade que tem o homem de explicar e transformar o mundo que lhe é dado, ou seja, o porque da sua ação sobre a realidade. Sendo ativa, ela impulsiona a uma ação-reflexão-ação”.* (Barbosa, 1981, p. 34)

O homem é um ser livre, ativo, um fazedor de cultura, é o sujeito de sua história.

Para Freire (1979), o homem é um ser situado no tempo e no espaço, vivendo determinada época, num contexto sócio-cultural específico. Por isso é capaz de admirar o mundo e interagir com ele e a partir dele.

O fato do homem estar no mundo conscientemente, torna-o aberto à realidade e, portanto, um ente de relações, capaz de captar, compreender e expressar essa realidade, tendo por meio de sua criatividade, a possibilidade de transformar o mundo pela sua própria ação. Essa transformação dá-se a partir da autodeterminação do sujeito, num processo de conscientização, onde a participação e o diálogo são categorias fundamentais para a realização da mesma.

Partindo do pressuposto que: “toda a pessoa tem uma habilidade para a autodeterminação, isto é, liberdade e capacidade de fazer suas próprias escolhas” (Pavão, 1988, p.70), devemos, enquanto profissionais da área de Serviço Social,

contribuir com o indivíduo para que ele tenha consciência de sua dignidade pessoal.

O princípio da autodeterminação constitui o direito e necessidade de Liberdade que os indivíduos precisam ter para escolher suas próprias decisões. (Pavão, 1988, p.67)

Segundo Ana Maria Braz Pavão (1988, p.35), “O princípio da autodeterminação é atingido por um processo de conscientização, cuja dinâmica supõe uma atitude crítico-reflexiva do Mundo, em que o homem como ser atuante e participante, torna-se ser-consciente-no-mundo”.

Assim, o homem para agir livre e conscientemente, necessita de uma atitude reflexiva que o levará a autodeterminar-se, sendo este um valor essencial da dignidade inerente a todo ser humano.

Como conceito metodológico a autodeterminação visa conseguir metas do Serviço Social à medida que certas situações de acomodação e conformismo são ultrapassadas para ceder lugar a uma perspectiva de transformação, com uma total participação do homem na tomada de decisão.

A autodeterminação é um valor, é um fim a ser desejado, pois, sua prática confere dignidade às pessoas, tornando-se essencial para o desenvolvimento humano. Dentro dessa perspectiva, o Serviço Social constitui uma forma de levar as pessoas a se conscientizarem e avaliarem sobre a situação do homem em sua totalidade, no sentido de libertarem-se para decidirem sobre suas escolhas.

## CAPÍTULO 2

### GRUPO: UM INSTRUMENTO DE OPERACIONALIZAÇÃO DA PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL NO SESC

#### 2.1 - SESC - Considerações Gerais

O Serviço Social do Comércio -SESC- é uma Entidade de caráter privado, criado pela Confederação Nacional do Comércio, através do Decreto-Lei n. 9.853, de 13 de setembro de 1946, emitido pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra. Este processo aconteceu num momento em que o mercado atravessava um período de grandes mudanças, marcado pelo acelerado crescimento dos centros urbanos e pelo processo de industrialização, causa da intensificação do fluxo das correntes migratórias na direção dos maiores centros urbanos. A população migrante para as cidades, superava a capacidade de absorção de mão-de-obra pelas indústrias, levando também ao desenvolvimento do setor terciário, cujas necessidades sociais justificaram a criação do SESC.

O setor terciário tinha sua expansão assegurada pelo aumento do número de empregos nos setores mais tradicionais: serviços domésticos, serviços menores, trabalhos ocasionais de pouca importância e pequeno comércio, que exigiam menor racionalidade e menor qualificação.

O crescimento dos centros urbanos, bem como o desenvolvimento da industrialização gerou problemas sociais, políticos e econômicos à população,

tais como: problemas de habitação, infra-estrutura básica, transporte e abastecimento, problemas de alimentação, saúde, assistência médica e educacional, exigindo assim, a atuação imediata das instituições governamentais, patronais e filantrópicas.

As precárias condições de vida dos trabalhadores, constituíram um obstáculo à paz social e ao próprio desenvolvimento, exigindo uma decisiva tomada de posição por parte do Governo e das classes produtoras.

O combate ao pauperismo, o aumento da renda nacional, o desenvolvimento das forças econômicas, a democracia econômica e a justiça social foram os objetivos que geraram a elaboração da “Carta da Paz Social”,

*“...um documento altamente expressivo do espírito de solidariedade e de realismo amadurecido dos homens. Ela haverá de contribuir para harmonizar e pacificar o capital e o trabalho em nosso país, num plano superior de entendimento recíproco. Com ela nos apresentaremos ante aos empregados, convidando-os a fundar sobre base sólida, uma política de mútua compreensão e de respeito, recíproco”. (Oliveira, 1971, p.2)*

A Carta da Paz Social foi elaborada pelos representantes das classes produtoras, em Teresópolis, em 1945. E em decorrência desta, foi criado o SESC, com os objetivos de contribuir para a valorização do trabalhador com o oferecimento de atividades de caráter educativo nas áreas de saúde, educação, cultura e lazer.

O objetivo fundamental da Entidade, ao ser criado, é a promoção do

bem estar social dos comerciários e suas famílias, bem como, o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade.

Ao SESC foi atribuída, nos termos do Decreto-Lei que o criou, a finalidade de planejar e executar medidas que contribuíssem para esse bem estar social e a melhoria da vida dos comerciários e de suas famílias.

Inicialmente sua atuação manteve-se em consonância com a ação governamental através do Plano Salte que canalizou recursos para os setores da saúde, alimentação, transporte e educação. Nessa época, além de todas as contribuições no setor de saúde preventiva, como a Campanha Nacional contra a Tuberculose, o SESC direcionou suas atividades para outros setores também considerados prioritários na época, tais como a educação sanitária, assistência médico-hospitalar e assistência à maternidade e à infância.

A partir do seu quinto ano de existência, o SESC iniciou uma nova etapa de ação. Tornou-se necessária a retração de suas atividades médico assistenciais. A partir da década de quarenta processava-se a primeira e significativa modificação no campo de ação da Entidade : substituição das ações de caráter assistencial por uma orientação predominantemente educativa.

Essa alteração baseou-se nas necessidades de ajuste e adaptação dos indivíduos ao meio social, devido à transição da economia urbano-industrial provocando profundas alterações no modo de vida da população. Foi adotada uma nova filosofia de ação incorporada em todas as atividades, além do campo

de ação propriamente dita.

Na década de 60, em face das consequências negativas do desenvolvimento que recaiam sobre a sua clientela, o SESC passou a desenvolver alguns programas habitacionais para a população de baixa renda, assim como, a expansão da rede de restaurantes, nos grandes centros.

No final da década de 60, pela primeira vez na história da Entidade, o lazer passou a ser oficialmente concebido como campo prioritário ao lado da saúde e da educação, fixados como campos de ação fundamentais, relacionados diretamente com o fortalecimento da infra-estrutura.

Atualmente, o SESC é uma Entidade de prestação de serviços, com caráter sócio-educativo, atuando no âmbito do bem-estar social nas áreas de saúde, cultura, educação e lazer.

Pela complexidade dos serviços e o atendimento em âmbito nacional o SESC possui uma estrutura mantida integralmente pela classe empresarial do comércio, sem ônus para os empregados ou para os cofres públicos.

O <sup>ente</sup> SESC é administrado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), representante máxima do empresariado do comércio.

A estrutura da Entidade compreende:

Administração Nacional (AN), com jurisdição em todo o país, composto por:

Conselho Nacional (CN) - Órgão Deliberativo;

Departamento Nacional (DN) - Órgão Executivo;

Conselho Fiscal (CN) - Órgão de Fiscalização Financeira.

Administrações Regionais (Ars) , com jurisdição nas bases territoriais correspondentes, e que se compõem por:

Conselho Regional (CR) - Órgão Deliberativo;

Departamento Regional (DR) - Órgão Executivo.

Conselho Nacional (CN) - Órgão Deliberativo;

Departamento Nacional (DN) - Órgão Executivo

Conselho Fiscal (CN) - Órgão de Fiscalização Financeira.

Administrações Regionais (Ars) , com jurisdição nas bases territoriais correspondentes, e que se compõem por:

Conselho Regional (CR) - Órgão Deliberativo;

Departamento Regional (DR) - Órgão Executivo.

A sede da Entidade está localizada no Rio de Janeiro, e os Departamentos Regionais estão situados em todo o território brasileiro.

Em Santa Catarina, Charlez Edgard Moritz presidiu o Conselho Regional do SESC, a partir do dia 29 de setembro de 1948.

A atuação inicial do SESC em Santa Catarina restringiu-se à capital (Florianópolis) estendendo-se posteriormente suas atividades a diversas localidades do Estado, sob a forma de Delegacias que, a partir de 1959, foram sendo transformadas em Centros de Atividades.

Atualmente, o Departamento Regional do SESC em Santa Catarina possui 11 (onze) Centros de Atividades. Destacamos, abaixo, os respectivos Centros de Atividades, bem como as datas em que foram instalados.

Florianópolis	- CAF	Instalado em 1959
Blumenau	- CABL	Instalado em 1961
Brusque	- CABR	Instalado em 1975
Chapecó	- CACH	Instalado em 1977
Criciúma	- CACR	Instalado em 1973
Itajaí	- CAI	Instalado em 1962
Estreito	- CAE	Instalado em 1964
Joinville	- CAJ	Instalado em 1962
Lages	- CALA	Instalado em 1963
Laguna	- CALU	Instalado em 1964
Tubarão	- CAT	Instalado em 1973

Além destes, o SESC em Santa Catarina, possui mais três Unidades Operacionais, ou seja, duas Colônias de Férias, uma localizada na praia de Cacupé-Florianópolis outra em Blumenau ; e o Restaurante do Comercário em Florianópolis. No momento atual, dá-se início as obras de mais um Centro de Atividades, em Rio do Sul.

Hoje, os objetivos do SESC são:

- Fortalecer através da ação educativa, propositiva e transformadora, a



capacidade dos indivíduos para buscarem, a melhoria de suas condições de vida;

- Oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua qualidade de vida;

- Contribuir para o aperfeiçoamento, enriquecimento e difusão da produção cultural.

O Serviço Social do Comércio vem desenvolvendo três programas de ação: Cultura, Saúde e Assistência, e cada um destes é compostos de sub-programas. São eles:

### ***Programa de Cultura:***

- Desenvolvimento Físico e Esportivo : Proporciona à sua clientela, atividades que reúnem práticas de exercícios físicos, com características lúdicas e competitivas. Oferece oportunidades de participação da clientela, em todas as faixas etárias, visando uma melhor qualidade de vida.
- Biblioteca : Instrumento educativo , que proporciona o contato com livros e outras fontes de informação ao comerciário, dependentes e comunidade em geral. Neste setor são realizados eventos culturais, ações para incentivar o gosto pela leitura e aprimorar os conhecimentos.
- Recreação : Possibilita à clientela oportunidade de integração e recreação, através de realizações orientadas e/ou livres, tais como: passeios, excursões e outros.

- Recreação Infantil : A Recreação Infantil é composta pela Pré-Escola e pela Habilidades de Estudo. A Pré-Escola trabalha a realidade sócio-cultural da criança, considerando os conhecimentos que ela já possui, seu desenvolvimento, as características do momento em que está vivendo e os conhecimentos do mundo físico e social. Atende crianças de 3 a 6 anos. A Habilidades de Estudo tem como proposta básica a dinamização do processo ensino-aprendizagem através de atividades extracurriculares, desenvolvendo aspectos sensoriais, motores perceptivos, cognitivos e afetivos da criança em idade escolar (7 a 12 anos).
- Expressão Artística : Realizam atividades artísticas propiciando à clientela o acesso às produções culturais tradicionais e da atualidade, como a música, o cinema, o teatro, as artes, procurando potencializar as capacidades humanas.
- Desenvolvimento Artístico e Cultural : Promove as artes nas diferentes formas de expressão, incentivando a criação artística e desenvolvimento de habilidades, através de cursos, oficinas, palestras, independente da faixa etária.

### ***Programa de Saúde:***

- Lanches e merendas : Tem como finalidade oferecer lanches às crianças da Recreação Infantil com custo acessível, introduzindo alimentos mais nutritivos e motivando a sua utilização através de atividades educativas e práticas alimentares.

- Assistência Odontológica : Prestar serviços odontológicos, visando o tratamento preventivo e curativo, no contexto da desassistência pública e elevados preços nos serviços privados.
- Educação para Saúde : Desenvolve ações educativas voltadas à reflexão e à busca do conhecimento consciente e crítico da realidade a fim de motivar, organizar e popularizar os princípios básicos da saúde para que haja uma mudança do comportamento a partir do conhecimento. As atividades são realizadas através de cursos, palestras, campanhas, mostras e práticas educativas com crianças e adultos.
- Assistência Médica : Atuam na promoção, proteção e recuperação da saúde da clientela, desenvolvendo ações de medicina preventiva em práticas desportivas, utilização do parque aquático, recreação pré-escolar, idosos e servidores do SESC.

### ***Programa de Assistência:***

- Cursos Supletivos: Tem como objetivo dar condições de escolarização a jovens e adultos que não tenham iniciado ou concluído o ensino regular na idade própria. Estes cursos dão acesso a uma educação transformadora em que a atualização, a construção e a redescoberta dos conhecimentos serão a condição básica.
- Cursos de Atualização de Conhecimentos: Permite aos participantes a aquisição de habilidades e conhecimentos para a complementação da atividade

doméstica e profissional. São desenvolvidas as modalidades de: apresentação pessoal; atualização profissional; complementação curricular; corte e costura; culinária; trabalhos manuais.

- Trabalhos com Grupos : O trabalho com grupos no SESC contribui para a melhoria das relações interpessoais através da formação e manutenção de grupos sociais, oportunizando a convivência de jovens, adultos e idosos, estimulando o aprimoramento cultural e social dos indivíduos.

O SESC apresenta preocupação constante de análise e aperfeiçoamento de seus métodos de trabalho, planejando sempre suas ações, visto que sente necessidade de acompanhar o desenvolvimento e as mutações da sociedade.

Hoje, os resultados decorrentes desses 50 anos de permanente evolução do SESC se traduzem não só no número de pessoas atendidas a cada ano, mas principalmente na qualidade dos serviços prestados, constituindo-se em uma Entidade dedicada ao bem-estar do comerciário e de seus familiares.

No item a seguir , apresentaremos um retrato histórico do trabalho desenvolvido pelo Serviço Social com grupos no SESC: sua trajetória e a perspectiva atual.

## **2.2 - O Serviço Social no SESC - Sua história e a Ênfase na Abordagem Grupal**

Em novembro de 1951, através da I Convenção Nacional de Técnicos do SESC, cujo objetivo era estabelecer e delimitar os campos de ação dos profissionais e dos programas futuros da Entidade, o Departamento Nacional reorientou a ação da Entidade, isto é, substituiu as atividades médico-assistenciais por uma orientação educativa, levando a ampliação das atividades de Serviço Social, dando início a abordagem grupal do Serviço Social.

Os Assistentes Sociais que até então trabalhavam apenas em atendimentos individuais, passaram a ser convocados a trabalhar com grupos, nos setores de Recreativismo, Clube dos Comerciários, Colônias de Férias e Atividades Culturais.

Os assistentes sociais, inicialmente, encontraram muitas dificuldades para desenvolverem o trabalho na abordagem grupal, sentindo-se inclusive despreparados e por consequência, inseguros para desempenharem as tarefas que lhes eram solicitadas. A despreparação dos assistentes sociais do SESC, relativa ao trabalho de grupos, deu-se pelo fato de que, naquela época, muitos Estados brasileiros ainda não possuíam escolas de Serviço Social e, nas escolas que já haviam sido implantados esse curso, o ensino do então chamado Serviço Social de Grupo, no Brasil era recente, coincidindo com a data de fundação do SESC, ou seja, 1946.

As etapas iniciais desta nova fase da Entidade com trabalhos de grupo, foram caracterizadas por duas principais formas de atuação: formação de clubes e organização de cursos de prendas domésticas.

No início da formação dos grupos, os Assistentes Sociais organizavam seus programas de ação, juntamente com outros técnicos de áreas profissionais diferentes, sendo eles: professores de formação doméstica, recreacionistas, técnicos de esporte, pedagogos, psicólogos e outros. A presença destes técnicos tornou-se indispensável para sobrevivência dos grupos. As tarefas eram claras e definidas, tanto para os profissionais que atuavam, quanto para os grupos. Já as tarefas do Assistente Social eram imprecisas e mal definidas pelo próprio profissional e para o grupo. Segundo Motta (1978, p.50), “no plano teórico, dizia-se que o outro técnico é encarregado da prática da atividade escolhida pelo grupo. Ao Assistente Social compete observar o processo de interação do grupo e nele intervir quando necessário e oportuno, durante ou após as reuniões do grupo”.

A partir das dificuldades encontradas na prática do Assistente Social em trabalhos com grupos, nos diversos Departamentos Regionais do Território Brasileiro, o SESC reconheceu a necessidade de maior capacitação, aperfeiçoamento e especialização dos profissionais da área, buscando maior competência e valorização do Assistente Social.

Em Santa Catarina, até 1959, as atividades do SESC estavam mais voltadas ao trabalho assistencial.

Na área de Serviço Social, eram prestados auxílios especiais, que incluíam assistência alimentar e farmacêutica, acrescidos de atividades recreativas e atividades educacionais.

Os serviços médicos tinham como objetivos combater e ajudar os indivíduos (comerciários) a se prevenirem contra a tuberculose. Proteção à maternidade e assistência à infância eram também serviços prestadas pela Entidade, por meios próprios ou através de convênios com instituições especializadas.

Em 1959, foi implantada a Faculdade de Serviço Social em Santa Catarina, projeto que o SESC ajudou a concretizar. Este, por sua vez, contava com somente duas Assistentes Sociais, uma vinda do Departamento Nacional e outra que trabalhava no SESI (Serviço Social da Indústria).

Com a criação da Faculdade de Serviço Social em Florianópolis, o SESC começou a contar com o trabalho de estagiárias.

A primeira turma da Faculdade formou-se no segundo semestre do ano de 1962, sendo que algumas alunas estagiavam no SESC.

O setor de Serviço Social de Grupo foi organizado em 1961, possuindo sua sala própria, para o desenvolvimento dos serviços.

Atualmente o Serviço Social da Entidade, em Santa Catarina, utiliza como instrumento principal de suas atividades, o trabalho com grupos, tendo como objetivo capacitar os indivíduos com os quais trabalha, para o exercício da

participação social.

O trabalho com grupos no SESC, recebe atenção especial, em meio a uma clientela composta de pessoas de distintas faixas etárias, contribuindo para uma integração social dos indivíduos, através de atividades recreativas, esportivas e culturais, garantindo a valorização do ser humano, reafirmando sua cidadania .

A seguir, enfocaremos a descrição da prática vivenciada no “Grupo de Mães” do Centro de Atividades do SESC do Estreito, local em que desenvolvemos nossa atuação enquanto estagiária de Serviço Social.

### **2.3 - A Prática do Serviço Social no “Clube de Mães Beija-Flor”**

O Centro de Atividades do Estreito (CAE), o segundo instalado na capital catarinense, no ano de 1964, possui setores diversificados que proporcionam atividades com o objetivo de responder as necessidades de sua clientela - os comerciários e seus dependentes.

Dentre os serviços realizados por esta Unidade (SESC Estreito), está o trabalho com grupos, envolvendo atualmente três grupos de idosos, um grupo de mães e um grupo de adolescentes.

O objetivo da Entidade, em relação aos grupos é proporcionar programações semanais descontraídas, de interesses gerais, com lazer e cultura,



momentos de descontração, formação de amizades e atividades propostas de acordo com as reuniões e os interesses das integrantes.

Neste item abordaremos o Grupo de Mães, que foi em nossa trajetória de estágio, o objeto principal de nossa ação.

A fim de descrevermos o percurso do Grupo de Mães, procuramos analisá-lo à luz da abordagem teórica que trata das etapas de um grupo.

Segundo Kisnerman (1978), um grupo é gerido pela **etapa de formação** que é continuada por uma de **conflito**, cuja superação leva à de **organização**, e a etapa de **dissolução ou morte** do grupo, igualmente natural e normal.

O trabalho com o grupo de mães tem como objetivo proporcionar, através da convivência social, um trabalho educativo, estimulando à participação, ao diálogo, à conscientização, na busca da conquista da autodeterminação.

Para tanto, o Clube de Mães surgiu com a finalidade de reunir as mães da Recreação Infantil do SESC que não estavam inseridas em um mercado de trabalho e ficavam à espera de seus filhos até o término das aulas, no Centro de Atividades ou em suas proximidades.

A idéia de formar o grupo, surgiu da Gerência da Unidade do SESC-Estreito, divulgada através de uma reunião com as mães, das quais sete se interessaram em participar.

A partir do dia 08/03/96, o Centro de Atividades do SESC do Estreito, iniciou o funcionamento do “Clube de Mães” que se reunia às segundas-feiras, das 16:00 às 17:30 horas.

O processo de um grupo começa com a motivação para formá-lo e o conhecimento dos objetivos dos membros do grupo. (Kisnerman, 1978, p.125)

Os membros do grupo ao serem convidados a formar e a participar do mesmo, não sabiam quais seriam as atividades realizadas. Somente a partir da primeira reunião, coordenada por nós, é que o grupo estabeleceu seus objetivos, os quais foram desenvolvidos de acordo com os desejos e as necessidades de cada membro participante.

Partimos do pressuposto de que sem haver conhecimento mútuo e integração entre os membros de um grupo, fica difícil identificarmos as necessidades de cada membro. A partir de então, começamos a utilizar técnicas de dinâmicas de grupo, ou, técnicas de expressão pessoal.

Segundo Lewin, (apud, Lapassade, 1983, p.66) “Essas técnicas são instrumentos de formação, de terapia, de animação e de intervenção, que tem como denominador comum o fato de se apoiarem no grupo”.

As dinâmicas utilizadas têm como finalidade :

- proporcionar uma maior integração e relaxamento dos membros participantes, promovendo o fortalecimento das amizades e da própria segurança grupal;
- buscar maior abertura da pessoa em relação às demais;

- despertar o sentido de solidariedade, esquecido pelo individualismo e pelo egoísmo;
- identificar as pessoas concretas e reais, com suas limitações, possibilidades, e habilidades, através da oportunidade da formação de amizades, entre outros.

As primeiras dinâmicas realizadas no Clube de Mães, foram provocadas, principalmente, para estimular o conhecimento entre as pessoas e para identificar as expectativas iniciais em relação ao grupo, bem como, para definir as necessidades dos membros, conscientizando-os sobre os motivos, desejos, esperanças, angústias e temores em relação ao mesmo.

A integração do grupo, deu-se através de algo fundamental, que é o conhecimento mútuo, iniciando assim, uma relação interpessoal entre os membros do grupo.

Havia uma necessidade de desenvolvermos dinâmicas, a fim de concretizarmos os objetivos do grupo, para constataremos expectativas de todos os membros. Foi através das falas, promovidas pelos trabalhos de subgrupos, que identificamos os desejos das participantes, os quais foram: desenvolver amizades, fazer passeios, buscando a integração, o diálogo, a troca de experiências, através de debates, palestras, campanhas filantrópicas, organização e colaboração nas festas da Entidade.

Procuramos, em nossa atuação, conhecer cada integrante, fazendo um trabalho inicial de integração e identificação dos membros proporcionando ao

grupo, através de atividades recreativas e culturais, a descoberta de seus objetivos, bem como, conduzindo-o para tomada de decisões, através da participação e da inserção social/grupal.

Percebemos na vida do grupo, a formação de subgrupos entre as participantes. A formação dos subgrupos, segundo Kisnerman (1978), dá-se em face do medo suscitado pela situação do grupo, e como elemento de segurança. Os membros formam subgrupos por estreita proximidade entre eles e pelos valores compartilhados.

Em relação a isto, procuramos em nosso trabalho, estabelecer meios para o grupo trabalhar cooperativamente, de modo a suscitar uma integração grupal. Procuramos sempre estimular a formação de subgrupos diferentes, na perspectiva de evitar fechamento, isolamento.

Desde o início da formação do Grupo de Mães, procuramos proporcionar atividades voltadas aos interesses dessas mulheres. Desta forma, o grupo tornou-se o instrumento utilizado para alcançar os objetivos propostos pelas integrantes.

Procuramos durante o ano, realizar palestras com assuntos diversificados, com o objetivo educacional de esclarecer, informar e conscientizar essas mulheres, além de estimulá-las a atuarem como agentes multiplicadoras de informações.

A escolha dos temas das palestras, foi baseada nas necessidades do grupo, e identificadas a partir das reuniões. Durante as palestras, as mães participavam, mostrando interesse, pois foram assuntos por elas mesmo requisitados.

Através de fitas de vídeo, artigos de revistas, debates , elaboração de cartazes, atividades teatrais, trabalhamos temas referentes à educação, sexualidade, família, papéis sociais designados para os homens e para as mulheres em nossa sociedade, entre outros. As atividades eram realizadas grupalmente, debatidas e expostas ao grupo que trocava idéias e, conseqüentemente, apropriava-se de conhecimentos.

Estes trabalhos, tinham como finalidade educar, informar e esclarecer aos membros do grupo sobre os temas abordados em reunião, a fim de desenvolverem a reflexão e a criatividade.

Destacamos alguns depoimentos das mães participantes do grupo, relatados em reunião:

*“Estou adorando o grupo, porque fico muito em casa só em função do marido e dos filhos. Quero poder discutir, me informar sobre diversos assuntos para poder estar por dentro da realidade”.*

*“Quero ser uma mãe moderna, estar por dentro dos assuntos para poder esclarecer meus filhos futuramente.”*

*“Preciso estar informada sobre as coisas, pois acho que devo ter um relacionamento aberto com os meus filhos, para eles não irem precisar buscar soluções fora de casa. O mundo hoje está muito perigoso”.*

Constatamos, através desses depoimentos a necessidade de oferecer informações para essas mulheres, que estão preocupadas em se atualizarem, principalmente para poder melhor educar seus filhos e prepará-los para o futuro.

A consciência construída através das dinâmicas e reflexões realizadas no grupo, é de fundamental importância para os rumos da transformação da sociedade.

Outro elemento que apareceu na etapa de formação está relacionado à construção das normas/regras do grupo. Com o desenvolvimento do grupo, as integrantes decidiram mudar o horário das reuniões, o qual passou a ser realizado das 14:00 às 17:30 horas, visto a necessidade de ampliar o tempo em que permaneciam reunidas durante os encontros semanais.

*“Acho que o tempo de uma hora e meia é muito pouco devemos passar mais tempo juntas, afinal de contas é só um dia na semana.”*

A adesão e a integração entre as participantes apontaram a necessidade de melhor enfatizar e de reafirmar elementos de ordem estrutural do grupo. As próprias integrantes levantaram aspectos como: pontualidade, presença constante, horário das reuniões.

*“O grupo deve ser um compromisso que todas devem assumir. Ninguém*

*marca um médico e falta, no grupo devemos ter responsabilidades”.*

*“Ninguém deve mais esperar, se houver três pessoas no horário previsto, deve-se iniciar a reunião com essas três pessoas”.*

*“Devemos ver se as demais integrantes querem pegar o grupo pra valer, vir em todas as reuniões, a não ser é claro se for motivo de doença, pois nós gostamos e queremos aprender, discutir, fazer passeios...Não podemos esperar.”*

Através das reuniões, incentivamos o grupo a participar das atividades do SESC, tais como: festas de páscoa, festas juninas, comemoração do dia das crianças, encontro da terceira idade (SESCFEST), entre outras. Estas participações faziam parte dos objetivos do grupo propostos em reunião.

Salientamos a participação e a animação das mães nestas programações e, sobretudo, sinalizamos a descoberta de habilidades durante etapa de planejamento e operacionalização das festas. (*Vide Anexos*)

Todo o grupo demonstrou descontração, carinho e seriedade nos trabalhos que se propuseram a realizar durante o ano.

Com o objetivo de integrar as famílias do “Clube de Mães”, abrindo horizontes para novas amizades, realizamos o encontro das famílias participantes do grupo na Colônia de Férias do SESC em, Cacupé.

Este, realizou-se nos dias 01 e 02 de junho de 1996. Foram dois dias de descontração, lazer e amizade. Proporcionamos atividades recreativas e

desenvolvemos dinâmicas de grupo, facilitando a integração dos participantes do encontro. (*Vide Anexos*)

A necessidade de uma maior identificação para o grupo, fez com que as participantes confeccionassem uma camiseta, demonstrando organização. Para a confecção das mesmas, decidiram em reunião, dar um nome ao grupo, pois este era apenas conhecido como “Clube de Mães”.

Através de uma sugestão dada por uma das participantes e com o consenso geral, o nome dado ao grupo foi “Clube de Mães Beija-Flor”.

*“Acho que o nome do grupo podia ser Beija-Flor, pois todas nós somos mães e adoramos beijar nossos filhos, ficar bem pertinho deles. Este nome simboliza carinho”.*

A partir de então, o grupo cria a sua identidade.

Muitas das atividades desenvolvidas foram realizadas, através do lazer, visto que, este era um dos maiores objetivos das integrantes do Clube de Mães.

*“Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.*  
(Dumazedier, apud, 1978, p.27)

O lazer, e mais especificamente, os passeios realizados pelo grupo, geraram tardes de descontração, brincadeiras, interação. Os passeios são um recurso para desenvolvermos a integração. Fazem com que o grupo se una e os



membros vençam seus medos relativos à participação, à mudança e a assumirem responsabilidades. (*Vide Anexos*)

O passeio propiciou para o Clube de Mães o retorno de uma das integrantes, que havia saído do grupo por conta de um conflito por ele gerado. Seu retorno foi um estímulo para a entrada de novas mães no grupo e reforçou a amizade entre as participantes.

Em relação ao conflito, este faz parte das etapas do processo de um grupo.

Segundo Simmel (apud, Kisnerman, 1978, p.102),: “nenhum grupo pode ser inteiramente harmonioso, pois então não poderíamos falar de processo e estrutura”.

O conflito deve ser visto como positivo para o grupo, já que de sua elaboração os membros adquirem autoconhecimento e experiência para enfrentar problemas de vida social.

Também no Clube de Mães, o conflito deu-se por um desentendimento entre as integrantes, com consequências que levaram a evasões, embora com retornos obtidos, após a intervenção da estagiária. Trabalhamos os sentimentos, ressentimentos, conscientização dos atos, e suas repercussões diretamente com as partes implicadas no conflito e no próprio grupo.

Após o conflito existente, o grupo passou a organizar-se, isto é, o grupo iniciou uma etapa nova, onde começou a desenvolver a capacidade de

autodirigir-se. Com isto, os membros passaram a assumir uma maior responsabilidade.

Em relação a organização, o próprio grupo conscientizou-se da necessidade de realizar novas atividades, tais como: passeios, lanches, visitas a shoppings, visitas a instituições de caridade. Esta última ação realizou-se, através de uma campanha filantrópica, organizada pelas próprias participantes, onde dedicaram-se para adquirir alimentos, comida, brinquedo etc.

Outra atividade realizada no Clube de Mães foi uma tarde de integração na Colônia de Férias do SESC em Cacupé, com o objetivo de integrar as novas participantes e estimular novos ingressos no grupo. Nesta, foram realizadas atividades de reflexão, através de leitura de texto, debate sobre temas atualizados, caminhada ecológica; piquenique, utilizando sempre técnicas de dinâmica de grupo, que facilitaram o desenvolvimento das atividades.

O término do ano culminou com uma Festa de Natal organizada pelo grupo, que planejou atividades como amigo invisível, brincadeiras e um lanche festivo encerrando assim as atividades de 1996.

Como consequência do trabalho desenvolvido e pelo nível de maturidade, das integrantes do grupo, o Clube de Mães, no ano de 1997 diminuiu o número de membros, visto que as participantes se orientaram para outras atividades. Essa etapa, chamada de declínio ou morte do grupo, é segundo Kisnerman (1978), natural a todo grupo e não deve ser interpretada como

fracasso pelo grupo ou pelo profissional. As mães participantes que desejaram continuar passaram a integrar o mesmo grupo com novos elementos.

Sendo o grupo o principal instrumento de operacionalização no programa desenvolvido pelo SESC, consideramos que a vida em grupo desperta sentimentos de companheirismo, sociabilidade, auto-estima e maior espontaneidade entre os participantes, comprovado pelos laços de amizade que permaneceram entre as ex integrantes e as atuais participantes, mesmo após o seu redimensionamento.

As atividades sociais, culturais, educativas, recreativas e filantrópicas foram realizadas com vistas a descoberta da pessoa, por si mesma, e a capacitação no sentido de seu engajamento e participação social.

O estímulo à participação sempre foi algo muito trabalhado. Acreditamos que a participação torna-se o caminho para a busca de uma valorização pessoal e de exercício da cidadania. As relações interpessoais existentes no grupo ajudaram as participantes a tomarem consciência de si e da sua realidade, crescer enquanto pessoa e desenvolver um senso crítico da situação em que vivem na sociedade, capacitando-as a assumir funções que contribuam para uma humanização do mundo das relações.

A vida em grupo estimulou a participação mais efetiva na família e comunidade, propiciando uma ação reflexiva e decisória das integrantes.

A fim de comprovarmos a importância da vida do grupo de mães e de seu desenvolvimento, que foi uma realidade vivenciada e constatada, registramos

no item seguinte resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo de mostrarmos os significados atribuídos à experiência pelas próprias participantes do grupo, que embora tenha tido para alguns uma vida curta, contribuiu em muito para o alcance de seus objetivos e transformação de vida.

## **2.4 - Pesquisa- Um Retorno Reflexivo sobre a Prática**

O presente item tem como objetivo apresentar a pesquisa realizada com as integrantes do grupo de mães, bem como, explicitar a análise do conteúdo da avaliação obtida.

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, com a preocupação básica de compreender o significado da participação em grupo pelas integrantes, refletida sobre as situações vivenciadas pelas mesmas. O estudo abrangeu um total de cinco mulheres que participaram durante todo o ano do “Clube de Mães Beija-Flor”. As entrevistadas mostraram disposição em responder as perguntas, contribuindo para a realização do trabalho, apresentado, inclusive um feed-back avaliativo concernente à prática do Serviço Social.

Para a realização da pesquisa adotamos a entrevista, como um meio de realizar esta avaliação reflexiva. Nestas entrevistas procuramos, através, do diálogo, expor os motivos e a intencionalidade da pesquisa.

Para que fosse possível registrarmos todas as falas das entrevistadas, utilizamos os seguintes procedimentos:

- 1) Gravação: que proporcionou registro direto do diálogo durante o trabalho, e guardou, fundamentalmente, aquilo que foi dito;
- 2) Transcrição: escrita das falas desenvolvidas durante a gravação, utilizadas para análise e interpretação;
- 3) Interpretação: baseada nas categorias abordadas no primeiro capítulo deste trabalho: grupo, diálogo, participação, conscientização, reflexão e autodeterminação.

Com esta pesquisa, intencionamos compreender:

1. Os motivos que levaram os sujeitos a participarem de um grupo;
2. O significado da participação em grupo;
3. A percepção da família no tocante à participação das mulheres no grupo;
4. O interesse da integrante do Grupo de Mães em ampliar a sua participação em outros grupos.

A seguir, apresentaremos alguns depoimentos de participantes do Clube de Mães que giraram em torno de nosso objeto de estudo: a inserção e o significado do grupo na vida pessoal e familiar:

*“Os motivos que me levaram a entrar no Clube de Mães foram fazer novas amizades, trocar conhecimentos. Eu queria fazer uma coisa que eu pudesse tirar um tempo para mim, uma experiência nova.*

*O grupo está sendo ótimo, porque eu já aprendi muitas coisas novas, aprendi a mudar de opinião, ouvir a opinião*

*de outra pessoa , pois isso faz com que tu fiques pensando e aprenda coisas novas, acaba tomando novas decisões, pois vê que a sua não era tão certa assim.*

*Todas as segundas-feiras, eu fico pensando o que será que a gente vai fazer de diferente na reunião ou mesmo se só nos sentarmos e conversarmos é ótimo , pois como eu queria fazer alguma coisa para mim eu já estou fazendo. Sabe como é... a gente sempre tem um lugarzinho na cabeça para aprender.*

*O grupo faz com que a gente tire um tempo para nós mesmas, para nós nos valorizarmos, pois você acaba fazendo as atividades com prazer e isso faz muito bem para as pessoas.*

*Todas as tarefas que eu fazia fora de casa por exemplo: ir ao banco, fazer compras, arrumar a casa, era neste dia, como o grupo é nas segundas-feiras eu passei todas as minhas obrigações para terça-feira, isso tudo porque eu gosto do grupo e me faz bem.*

*Eu converso muito com o meu marido sobre o que a gente discute no grupo, o que as colegas falam, o que eu falei, o que eu pensava, o que eu fiz. Eu mostro para ele os trabalhos que nós fizemos no grupo, eu tenho em casa tudo guardado e ele me falou que sentiu que para mim foi bom, porque estou me valorizando, tirando um tempo para mim e ele acha que é um crescimento intelectual, porque eu estou aprendendo um monte de coisas novas, além de discutir assuntos importantes, interessantes, no caso, para a mulher.*

*Meu marido falou que sente que eu participar do grupo foi diferente, ele gosta, pois disse que em vez de eu ficar o dia inteiro dentro de casa assistindo novela eu estou fazendo uma coisa diferente, eu estou me aprimorando em alguma coisa, eu estou discutindo, conversando, abrindo a minha mente.*

*O meu filho também, ele tem três anos, não sabe muito bem os dias da semana, mas ele já sabe que depois do domingo vem a segunda-feira e é o dia que eu vou para minha professora, que eu vou estudar. Ele nota que é algo diferente.*

*Em relação ao meu relacionamento com o marido, o grupo está sendo ótimo, pois se torna um complemento para nós dois, pois acaba com a rotina. Por exemplo: numa reunião que fizemos uma atividade com recortes de revistas,*

*ele falou: que bom que você está fazendo alguma coisa boa para você.*

*Eu tenho interesse de participar em outros grupos pois eu quero estar sempre aprendendo mais” (Entrevistada A)*

*“Eu entrei no grupo de mães através de uma reunião no SESC. Eu vim para o grupo em busca de diálogo, de passeio, de entrosamento com outras mulheres, outras mães.*

*Para mim o Clube de Mães foi válido porque a gente fez vários passeios, fizemos bastante atividades, as palestras foram bem positivas, principalmente a da AIDS, outra coisa muito importante foi que eu conheci pessoas ,que hoje, são super amigas e, nós sempre estamos conversando Foi bom!*

*Foi um ano bastante diferente, pois fizemos coisas boas, bem diversificadas. Eu gostei tanto que eu quase nem faltei nas reuniões.*

*A minha participação no grupo em relação à minha casa não mudou muito, pois meu marido não é uma pessoa que participa, que se interessa em saber o que foi feito nas reuniões. Eu até falava de algumas atividades feitas, mas ele não ligava muito em saber.*

*Em relação ao grupo, eu mudei no sentido até de me entrosar melhor com as amigas, de falar durante as reuniões pois no início eu era uma pessoa bastante retraída e no final do ano, nas últimas reuniões, eu já estava participando bastante.*

*No momento eu não tenho interesse em participar de grupos, pois hoje meu objetivo maior é arranjar um emprego... sabe como é...a situação está difícil”.(Entrevistada B )*

*“Eu vivia sozinha em quatro paredes sem objetivos, mas eu queria fazer alguma coisa, por isso eu fui até o SESC para fazer alguma atividade e escolhi participar do Clube de Mães que achava que podia abrir um caminho para eu não ficar só em casa.*

*A partir daí, eu fiz muitas amizades, comecei a conversar com essas amigas, fazer passeios, participar das dinâmicas. Tudo o que passou, tirou muitas coisas ruins da minha cabeça, porque a gente quando fica só em casa fica*

*pensando besteira, por exemplo, que o marido tem “amigas”, que a gente é inútil, que não participa de nada.*

*Eu já trabalhei fora, mas quando os meus filhos (gêmeos) nasceram eu tive que parar. Cheguei a ficar doente, pois eu não conversava com ninguém, nem com os vizinhos. Eu vivia fechada, não tinha vontade de sair, para mim tudo era ruim, não tava nada bom, vivia mau humorada. Meu marido até falava que eu estava sempre de cara feia, que eu não conversava e só sabia brigar. Eu estava vivendo uma coisa chata comigo mesma. Eu estava me fechando, era um horror, vivia sempre pra baixo.*

*Eu era muito indecisa, não pegava um livro para ler, pois eu simplesmente não tinha vontade.*

*Então eu entrei no grupo sem saber direito o que seria feito, podia ser tricô, crochê, qualquer coisa, eu queria mesmo ter uma atividade nova.*

*O grupo foi muito bom para mim. Eu fiquei outra pessoa, sei lá, me libertei de uma coisa que jamais pensei que ia conseguir. Foi uma coisa ótima.*

*Para mim, parece que tiraram alguma coisa ruim de dentro de mim, é como se tivessem cavado um poço, que eu estava afundando e me colocaram uma coisa tão gostosa dentro de mim.*

*Hoje eu sou outro tipo de pessoa, eu gosto de ler, eu gosto de conversar, de ver vitrine, eu converso bem com o meu marido e ele acha ótimo isso. Antes eu não gostava de ver repórter, hoje eu já gosto, não gostava de assistir palestras, achava chato, agora acho legal. Por isso que eu gostei de participar do grupo, pois através da convivência eu senti uma segurança muito boa dentro de mim, o grupo em si ajudou muito.*

*As amizades, tudo, tudo, foi fora de sério. Houve uma mudança total na minha cabeça, criou uma outra imagem da minha pessoa dentro de mim. Foi uma reviravolta. Consegui ver tudo bonito para mim.*

*Outra coisa que eu achei muito legal, foi a apresentação das coelhinhas, porque me valorizei muito com a apresentação para as crianças. Até hoje meus filhos pedem para mim colocar a fita de vídeo gravada, para eles assistirem. Foi uma coisa que eu nunca tinha feito na minha vida, eu tenho quarenta anos e só no grupo que organizamos isso.*

*Os passeios realizados, também foram ótimos, porque durante o nosso dia a dia não há possibilidades de fazer.*



*Quando o meu marido chegava em casa, a gente sempre conversava e ele me perguntava como tinha sido a reunião. Comentávamos sobre as palestras, os debates, as atividades feitas. Ele até lia os textos que eu mostrava para ele ler para toda a família. Ele sempre se interessou em saber o que era feito no grupo e eu explicava quais as atividades feitas.*

*A nossa relação melhorou, pois antes de eu entrar no grupo, não tinha assunto a não ser os de rotina de dentro de casa, mas depois não, porque eu tinha assunto para conversar. Isso abriu minha cabeça. Até nos lugares que hoje eu vou, não fico mais afastada como antigamente, mas sim participo.*

*Eu acho que todo mundo deveria participar de um tipo de grupo pois faz bem para o corpo e a alma. Para mim foi ótimo! Eu nunca vou esquecer, pois foi a melhor coisa que me aconteceu.*

*A dificuldade maior encontrada, era na hora do almoço nas segundas-feiras, pois tinha que fazer tudo correndo e eu ficava nervosa. Eu tinha que dar conta de tudo, para não dar confusão dentro de casa e o marido não ficar falando: não fizesse isso, não fizesse aquilo...*

*No momento eu não posso participar do grupo, pois meu marido mudou o horário de serviço e não dá tempo para dar conta de todas as minhas obrigações de dentro de casa. Fica muito difícil". (Entrevistada C)*

*"Quando eu entrei no grupo, o meu maior objetivo era ocupar meu tempo. Eu não tinha idéia do que seria o grupo, mas tinha planos de fazer passeios, por exemplo.*

*Com o grupo, foi feito muita coisa durante o ano, mas para mim, de tudo o que foi feito o que melhor ficou foram as amizades.*

*Eu aproveitei todas as atividades feitas no grupo, com as informações dadas, aprendemos a nos conhecermos melhor e a conhecer as outras pessoas também, com os seus jeitos e formas.*

*Tudo no grupo foi válido, tudo que nós aprendemos valeu para alguma coisa, até como mais tarde nós vamos lidar com nossos filhos. Garanto que quando eles estiverem maiores, nós vamos lembrar dos debates que fizemos.*

*A minha família viu bem a minha participação no grupo. No caso da festa da Páscoa, quando gravamos a*

*apresentação em uma fita de vídeo, meu filho adora assistir a gravação, para ele marcou e para mim foi uma experiência boa.*

*Meu marido se interessava em saber o que era feito nas reuniões, e eu sempre falava. É claro que contar não é o mesma coisa que participar.*

*Na minha opinião, participar de grupo faz bem; e quando eu tiver oportunidade em participar novamente do grupo eu irei participar. No momento não dá, porque eu voltei a estudar e hoje este é o meu maior objetivo. Nós aprendemos bastante coisas, eu já aproveitei e espero aproveitar mais daqui para frente o que aprendemos durante o ano.” (Entrevistada D)*

*“Eu entrei no grupo através de um convite de uma amiga minha, sem saber o que era o grupo de mães. Como eu queria fazer alguma coisa que eu pudesse sair um pouco de casa, eu topei em entrar no grupo, eu nem sabia quais eram as atividades que seriam feitas no grupo.*

*Hoje eu posso falar que o grupo me trouxe muitas amizades, e eu gosto de participar pois fazemos muitas atividades, passeios etc.*

*Com a minha entrada no grupo, ficou mais fácil fazer amizades, ter idéias, pois as pessoas começam a falar, a trocar experiências e isso faz com que a gente mude. Tudo é melhor com o grupo.*

*Antes de entrar no grupo, eu era tímida, tinha dificuldade de conversar; agora não, tudo é mais fácil. Até minha família achava que eu não ia dar certo no grupo pela minha timidez, mas hoje eles nem acreditam que eu continuo no grupo, conversando, debatendo e que não falto às reuniões todas as segundas-feiras.*

*Após eu ter entrado no grupo de mães, surgiu uma oportunidade para mim montar um grupo no meu prédio, mas eu não quero tocar o grupo como coordenadora, então eu falei para eles que eu posso dar uma ajuda, por exemplo, repassar as atividades que eu aprendi com o Clube de Mães. Foi através do meu marido que os participantes do conselho comunitário me convidaram para montar o grupo em nosso bairro.*

*O grupo também foi bom para o meu relacionamento com os filhos, pois através das amizades, das palestras, das*

*conversas sobre educação, que hoje eu sei entender melhor eles.*

*Isso tudo faz com que abra a cabeça da gente, porque nós aprendemos muito com as palestras, as atividades e outras coisas que fizemos.*

*O meu marido tem curiosidade de saber o que a gente faz nas reuniões, Quando ele chega em casa sempre pergunta o que fizemos, ele é muito interessado.*

*Com o grupo nós fizemos muitas coisas diferente que não tínhamos o costume de fazer no nosso dia a dia. Tudo o que aconteceu no grupo eu vou levar para minha vida. Hoje eu tiro um tempo para mim, e isso me faz me sentir muito bem.”(Entrevistada E)*

A partir dos textos acima transcritos, que denotaram a fala de algumas integrantes do grupo de mães a respeito do significado de suas participações no grupo, suas motivações e interesses, bem como, a percepção de suas famílias a respeito da inserção dessas mulheres no grupo, elaboramos uma avaliação compreensiva e interpretativa do que nos foi relatado.

## **2.5 - Avaliação Compreensiva e Interpretativa da Pesquisa**

Os depoimentos suscitados por meio da pesquisa realizada apresentaram uma resposta à nossa prática, enquanto estagiária de Serviço Social. Os resultados obtidos, através das falas das participantes demonstraram o alcance dos objetivos do grupo e de seus membros.

A partir dos depoimentos, constatamos os motivos que mais levaram as mulheres a participarem do grupo, como: a prática do lazer, a realização de novas amizades e a troca de conhecimentos.

Esses motivos humanos são confirmados por Manfred Max Neef (1968, p.21) que propõe nove categorias de necessidades humanas, que precisam ser satisfeitas, a saber: subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, lazer, recreação, identidade e liberdade e cada uma delas apresenta quatro categorias existentes relacionadas ao ser, ter, fazer e estar.

A informação a respeito dos dados motivacionais, nos mobilizou no sentido de proporcionar a esse grupo caminhos que fossem ao encontro de seus objetivos.

A partir da perspectiva de educar pelo lazer, estimulamos os membros a participarem de outras atividades voltadas ao desenvolvimento da reflexão e da criatividade. As atividades de lazer facilitaram o fortalecimento das amizades, pois ocorreram de maneira informal, favorecendo o relacionamento entre as integrantes.

Por meio da realização de passeios, do estabelecimento de amizades e da admissão de um tempo exclusivo para si, a convivência em grupo provocou uma alteração no cotidiano dessas mulheres, mães e donas de casa, contribuindo para uma melhora significativa em sua qualidade de vida. Estas mulheres viviam uma realidade desfavorável que dificultava a realização de lazer, dada a dificuldade financeira e a falta de oportunidades para o mesmo, pois os maridos

trabalham todos os dias, inclusive aos sábados, optando no final de semana por ficarem em casa.

Percebemos, através dos depoimentos revelados, o quanto a participação em grupo foi importante para a vida pessoal dessas mulheres, pois, a partir da convivência grupal apuraram uma percepção de si mesmas e de suas histórias, o que as capacitou a se integrarem no mundo social e a adquirirem uma compreensão de vida, de existência, até então, não refletida no dia a dia.

O grupo favoreceu um crescimento pessoal e uma valorização humana a cada participante. A vivência no grupo beneficiou o desenvolvimento da criatividade, despertando as mais diversas potencialidades e talentos individuais, sendo reconhecidos, até mesmo, por seus familiares.

Outro fator muito importante destacado nas falas, foi a repercussão dada nas famílias, pela participação das mulheres no Grupo de Mães.

O interesse em saber o que era realizado nas reuniões, bem como a vontade de compartilhar as novas experiências vividas em grupo, favoreceu o relacionamento dos casais, fortalecendo a relação e o diálogo.

A participação no grupo revelou para a vida das mulheres, um caminho para formar comunidade, fortalecendo-as enquanto um ser social, que existem e interagem na sua totalidade.

A vivência em grupo, favoreceu a sociabilidade, levando as integrantes a descobrirem projetos de vida pessoal, abrindo horizontes para novas escolhas.

Favoreceu também, a possibilidade de formação de novos relacionamentos afetivos que são de fundamental importância para a realização humana.

O grupo, por conta da perspectiva educativa e dialética possibilitou as participantes, através do diálogo, da conscientização e da participação, um melhor conhecimento de si mesmas e de transformação de suas realidades.

A atitude crítica e reflexiva, apropriada na relação com o outro, por meio da participação em grupo, contribuiu para que as integrantes do Clube de Mães, se autodeterminassem, exercendo a liberdade de realizar escolhas pessoais, optando por novos projetos de vida.

A ociosidade das mulheres, durante as tardes, à espera de seus filhos no SESC, revelava a possibilidade de aproveitamento dessas horas e o enriquecimento de seus conhecimentos, levando-as a transformações em suas vidas, tornando-as sujeitos de suas próprias histórias.

A participação em grupo, mais especificamente, no Clube de Mães foi uma possibilidade concreta para que a participação social das integrantes do grupo fosse efetivada, mesmo que, no início, não estivesse claro - pré-determinado - o projeto do grupo.

As reuniões sempre participativas e com número de integrantes significativo constituíam-se numa vivência que provocava o relacionamento das participantes, estabelecendo uma integração sócio-emocional e sócio-operativa com vistas a objetivos comuns.

Apoiados em Kisnerman, pudemos compreender que “a dinâmica interna do grupo possibilitou a seus membros uma disposição ativa, crítica e responsável, através de sua participação, em situação de abordar suas dificuldades e problemas com o objetivo de transformar uma dinâmica externa que os permita inter-relacionarem-se com outros grupos, em movimentos grupais de mudanças”, o que nos permite dizer que o grupo não morre, ele se transforma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho, em seu conjunto, apresentou aspectos referentes a inserção e a vivência em grupo, ressaltando a participação, a conscientização e a autodeterminação, como categorias necessárias para o desenvolvimento do grupo, na relação dialética totalidade-singularidade.

O grupo, como instrumento do Serviço Social pode interferir na realidade, proporcionando aos indivíduos meios que os <sup>capacitem</sup> para concretizar as transformações desejadas. *ação funcional*

A experiência provocada pela coordenação e formação do grupo nos revelou aspectos que apontam para as possibilidades de realização dos objetivos do Serviço Social.

O grupo pode ser compreendido como um recurso que o profissional encontra para desenvolver e capacitar os indivíduos a uma leitura crítica-reflexiva de suas realidades pessoais e sociais.

A participação em grupo, proporciona aos indivíduos uma consciência pessoal que gera o questionamento e a reflexão de sua condição de vida.

A conscientização é um elemento fundamental para desenvolvermos no grupo. Através desta, o indivíduo tem a capacidade de sair do plano protetor da dependência para atingir novos planos de liberdade e autonomia.



A relação dialética existente no grupo através de relações horizontais, facilita o aprendizado e a receptividade de críticas, favorecendo as transformações no cotidiano das participantes.

Na medida em que estamos abertos ao diálogo, às diversas opiniões e às vivências diferentes, estaremos nos tornando mais autênticos e cada vez mais preparados para a relação com o outro.

Conviver com os outros não é tarefa fácil. “Quando as pessoas entram em contato, comunicam-se, antipatizam, simpatizam, aproximam-se, competem, colaboram, desenvolvem afeto,...constituindo o processo de interação humana em que cada pessoa, na presença de outra pessoa, não fica indiferente. Assim, um olhar, um sorriso, um gesto, o silêncio, têm significado de comunicação.”(Moscovice, 1985, p.47)

O grupo deve buscar caminhos para a construção da autonomia, da cidadania e conseqüentemente da democracia.

O Serviço Social propiciará caminhos para a realização do diálogo, através da convivência em grupo, que permitirá o desenvolvimento da consciência de si do outro, do mundo, da totalidade. Através da relação grupo-profissional, as pessoas vão optar pela mudança ou não.

O indivíduo, concebido como um ser inacabado, dinâmico, tornar-se um sujeito que se humaniza na relação social, à medida em que participa, constrói consciência, transforma a sua realidade subjetiva e objetiva.

Devemos, enquanto profissionais de Serviço Social, construir uma relação embasada nos princípios da criatividade, utilizando técnicas alternativas como o lazer, o lúdico, o teatro, trabalho em subgrupos, a fim de estimular os participantes a desenvolverem uma capacidade de reflexão crítica da situacionalidade.

Necessitamos construir utopias, sonhos, que visem um processo de transformação social, no qual as pessoas são vistas como sujeitos de suas histórias.

Ressaltamos a diversidade de formas de atuação e de instrumentos que o SESC possui, o que possibilitou os meios para que se alcançasse os objetivos pretendidos pelo grupo. Essa diversificação nos deu condições de propor programas adequados e eficientes que, em termos práticos resultou em uma série de atividades realizadas, que levaram desenvolvimento e integração do grupo e de seus membros.

É necessário salientar que uma transformação de comportamento só ocorre a partir do conhecimento, do diálogo e da conscientização que podem ser apropriados a partir de outras vivências e de relacionamentos distintos proporcionados pela participação em grupo, isto é, através da dialética totalidade-singularidade.

Portanto, a partir dos conhecimentos adquiridos e adotados, no decorrer do trabalho, sugerimos ao Departamento de Serviço Social/Curso de Serviço Social/Universidade Federal de Santa Catarina a inserção de uma

disciplina que enfoque o trabalho do Serviço Social numa abordagem grupal, a fim de possibilitar aos acadêmicos o estudo e a compreensão desta vertente, visando a capacitação dos estudantes dessa área do conhecimento para uma prática competente.

Uma vez que percebemos a importância de trabalharmos com grupos, na perspectiva de proporcionar transformações nos indivíduos inseridos na sociedade, sugerimos a continuidade deste trabalho no SESC, objetivando atender às necessidades humanas de seus usuários.

Ao enfocarmos os resultados alcançados pela prática do Serviço Social numa abordagem grupal desenvolvido junto às participantes do grupo de mães, queremos propor à Unidade do SESC-Estreito que continue desenvolvendo o trabalho de Serviço Social, nessa perspectiva, a fim de oferecer caminhos para uma transformação social que propicie uma melhor qualidade de vida para seus usuários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Mário da Costa. **O Serviço Social como práxis**. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, set. 1981.v.6.

BRAGA, Arlete. **Visão atualizada do Serviço Social**, debates sociais, n 13, anoVII, CBISS, outubro, 1971.

BORDENAVE, Juan e Diaz. **O que é participação**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CERQUEIRA, Gelba Cavalcanti de. **Modelos teóricos do Serviço Social com grupos: adaptação ou transformação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1981.

CORREIA, Maria Alice. **O assistente social e o manejo do conflito**. Rio de Janeiro, 1975.

FERREIRA, Maria da Glória. **Um modelo genérico para o serviço social: teoria da prática**. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 14 ed .Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIEDLANDER, Walter. **Conceitos e métodos de serviço social**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

FRITZEN, Silvino José. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo e de relações humanas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

GROSSI, Esther Pillar, BORDIN, Jussara. **Paixão de aprender**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

KISNERMAN, Natálió. **Serviço social de grupo: uma resposta ao nosso tempo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

KISNERMAN, Natálio. **Sete estudos sobre serviço social**. São Paulo: Cortez e Moraes LTDA, 1980.

KONOPKA, Gisela. **Trabalho social de grupo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LANE, Silvia T. M., CODO, Wanderley et al. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizações e instituições**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LIMA, Sandra Amêndola Barbosa. **A participação social no cotidiano**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1983.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. São Paulo : Papirus, 1987.

- MARTINS, Janete de Amorim, SILVA, Raquel. **Grupo: instrumento de capacitação social.** Florianópolis: 1981. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, UFSC.
- MEDINA, C. A. de. **Participação e trabalho social: um manual de promoção humana.** Petrópolis: Vozes, 1977.
- MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal.** 3.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda, 1985.
- MOTTA, Edith. **Alguns aspectos do serviço social de grupo no brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro, 1970.
- PARÉ, Simone. **Grupos e serviço social.** 2. ed. 1971.
- PAVÃO, Ana Maria Braz. **O princípio da autodeterminação no serviço social: visão fenomenológica.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- RODRIGUES, Maria Lúcia. **O trabalho com grupos e o serviço social.** 3.ed. São Paulo: Moraes, 1981.
- SESC: Departamento Nacional. **Os fatos do tempo: 30 anos de ação Social.** Rio de Janeiro, 1977.
- VASCONCELOS, Ana Maria. **Intenção-ação no trabalho social.** São Paulo: Cortez, 1985.

VIEIRA, Balbina Ottoni. **Serviço social: processos e técnicas.** 4 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

WILSON, Gertrude, RYLAND, Gladys. **Prática do serviço social de grupo: uso criador do serviço social.** Rio de Janeiro: SESC, 1961.

## ANEXOS



Dinâmica de Grupo (Clube de Mães Beija-Flor)





**Participação do Clube de Mães na Festa de Páscoa  
do Centro de Atividades do SESC - Estreito**







**Encontro das Famílias do Clube de Mães Beija-Flor**  
**Realizado nos dias 01 e 02 /06/96 na Colônia de Férias do SESC em Cacupé**







**Tardes de Lazer Realizadas pelo Grupo**

